

Dance e vire bicho

É o que fazem as crianças ao dramatizar histórias como a do Chapeuzinho Vermelho

Quem tem medo do lobo mau? Quem tiver, que levante a mão, sente na roda e ouça a história. Mas que não fique só nisso. Também pode se transformar numa árvore da floresta, virar um bicho — tigre, jacaré ou passarinho — e sair voando por aí, deslizando pelo chão ou mostrando as unhas de braveza.

Vale mesmo é soltar a imaginação. Esse é o convite da professora de dança e fonoaudióloga Renata M. S. Neves, que está trabalhando com um grupo de crianças dos cinco aos sete anos, na biblioteca Infanto-juvenil Álvaro Guerra, na avenida Pedroso de Moraes, 1919. Trata-se do projeto "Dança na Biblioteca", da Secretaria Municipal da Cultura, que já existe há três anos e a cada estação se aprimora mais. Desta vez, uniu-se a outro projeto da Secretaria, o "Eu conto um conto e você aumenta um ponto", e criou a fusão da dança aos contos de fadas. A idéia básica é recontar histórias infantis através da dança, lidando com as emoções suscitadas pela narração.

Duas turmas de 40 crianças, duas vezes por semana, gratuitamente se deixam embalar pela fantasia. "É um vai-e-vem. Começamos trabalhando com os gestos, com o reconhecimento do corpo e do espaço e aos poucos inserindo a fantasia no meio", conta Renata, entusiasmada com a nova experiência. "Muitas crianças nunca entraram numa biblioteca, nem tiveram qualquer contato com a dança, mas todas são muito curiosas, atentas, participantes mesmo."

Gatos ou lobos

A participação de cada criança é o ponto chave do trabalho de Renata. Para começar a contar a história do "Chapeuzinho Vermelho", por exemplo, o primeiro passo foi imaginar uma floresta na sala da biblioteca, demarcando espaços, trabalhando ao nível corporal e expressivo. As crianças, entrando na fantasia, se transformaram em ani-



Renata, a professora: dança gratuita para a meninada na biblioteca.

mais, imitando gestos ou criando suas próprias formas de expressão, como gatos ou lobos. "É incrível como elas são criativas. Foi só falar em floresta que elas logo lembraram que onde tem floresta, tem lobo", lembra Renata.

A cada aula, além de contar a história em capítulos, o próprio grupo vai montar um cenário que, no fim do curso de um mês, vai servir como espelho do trabalho realizado. Assim, um palco escondido vira a caverna do lobo; as mesas e cadeiras se transformam num esconderijo seguro; nas estantes podem brotar flores. O material, fornecido pela Secretaria da Cultura, não é nada sofisticado — plásticos, argila, papel colorido, mas para as crianças vale mais a invenção. Ele mais a invenção.

"Gostei de virar bicho, de fazer cara feia e mostrar as unhas", relata Rafael, com toda a seriedade dos seus seis anos, depois da primeira aula. "Da próxima vez eu quero virar tigre", completa o tímido Vinicius, também de seis anos. "Para as crianças, brincar assim é superimportante. Na floresta

imaginária elas põem para fora a agressividade natural, de forma criativa e direcionada", ensina Renata.

Dança-terapia

Além do projeto com as bibliotecas — que depois de Pinheiros deve percorrer outros bairros da cidade — Renata Neves carrega em seu currículo um dos mais inusitados trabalhos na área da dança como terapia. Trata-se de uma tese de pós-graduação, na cadeira de Distúrbios da Comunicação da PUC, com o tema "Dança/Arte do Movimento para Crianças Deficientes Auditivas". Defendida em junho deste ano, recebeu a nota máxima da banca examinadora e incorporando a experiência de prática de Renata como fonoaudióloga e bailarina, a tese é fundamentada em Rudolf Laban, húngaro estudioso da dança que, no início do século, criou novas teorias sobre o repertório de movimentos individuais e a necessidade de equilíbrio entre eles, um dos seus trabalhos mais conhecidos.

"Eu venho de uma família onde a dança sempre foi muito im-

portante. Minha mãe é bailarina, eu danço desde pequena. Sabia que queria trabalhar com crianças e unir as duas coisas foi um processo natural", conta Renata. Agora, com 29 anos, a tese pronta e uma experiência de um ano no Laban Center da Universidade de Londres, onde apresentou seu trabalho com deficientes e foi reconhecida como uma das pioneiras no setor, Renata se sente preparada para novos vãos.

Pioneirismo

"Apesar de novo, o trabalho com deficientes auditivos não tem nada de extraordinário. Assim como qualquer ouvinte, eles têm a capacidade de realização e expressão", diz Renata. Segundo conta, as aulas de dança nas escolas especiais, além de ajudarem na integração dos grupos e na auto-affirmação das crianças, ajudam no relaxamento antes das aulas mais árduas e penosas, como a de exercícios orais.

"Renata é realmente uma das pioneiras na especialização", reconhece o professor de dança-terapia do Instituto de Psicologia da USP, Norberto Abreu e Silva Neto. "Principalmente agora, que está em tramitação em Brasília um projeto de obrigatoriedade do ensino da dança em escolas de primeiro e segundo graus, precisamos de pesquisas rigorosas como as dela e que sirvam de orientação para professores", elogia.

"Faltam ainda boas e duradouras escolas de dança no Brasil, para que ela deixe de ser um privilégio de determinadas classes sociais", atesta Renata. Moradora convicta de Pinheiros, ela não quer sair do bairro e procura por aqui um espaço para trabalhar. "Gostaria de dar aulas de dança para deficientes, para não perder o pique que venho tendo até agora. Assim que acertar um local definitivo vou aplicar tudo que aprendi."

Marli Belloni